

# A quase arte de hoje

3/2

Com o título *Brasil Cinquenta Anos Depois*, a *Collectio*, empresa de leilão e galeria de arte radicada em São Paulo, inaugura uma mostra monstro, de gosto altamente duvidoso e sobretudo com brechas imperdoáveis.

Há tempos elogiamos nesta coluna a inauguração da galeria da *Collectio* que trouxe Sérgio Camargo para abrir suas portas, o que revela poder econômico e inteligência promocional. Já a mostra monstro, recém-inaugurada, deixa bem claro que o poder econômico continua (as telas foram todas adquiridas), mas a inteligência, ou propriedade, é que degingolou. Um pequeno texto sem assinatura diz, apresentando a mostra: "Para dela participar, foram relacionados 175 artistas, de todas as regiões, gerações, tendências e técnicas, desde que, vivos ainda hoje, colaboraram na eclosão do Modernismo, até as manifestações mais recentes da vanguarda nacional, representada inclusive pelos que há alguns anos vivem fora do Brasil."

Depois disso a *Collectio* inclui na relação o nome da inesquecível Grauben, o que quer dizer que não sabem que ela já morreu há algum tempo. E se o nome de Grauben, artista morta, pôde entrar, a reclamação de muitos outros mortos ilustres atordoará os ouvidos dos promotores da mostra. A responsabilidade parece ser atribuída a Roberto Pontual, crítico respeitável, que parece estar lendo a cartilha dos guias amadores, pois inclui todos os

recomendados pelos mentores da *high-society*, de preços fictícios e pintura na base do Gordini (carro para toda a vida, quem tem não consegue se desfazer dele.)

Não cito os nomes das aberrações incluídas na lista que a *Collectio* apresenta como colaboradores da "eclosão do Modernismo" e manifestantes da vanguarda. Mas indago pela ausência de nomes como os de José Ronaldo Lima, Válter Belisário, Lígia Pape, Antônio Manuel, Valtércio Caldas, Dileni Campos, Regina Vater, Bernardo Caro e até Hélio Oiticica. São nomes imprescindíveis num contexto de vanguarda, estejamos ou não de acordo com eles. No campo da gravura é de se estranhar a ausência de Nilton Cavalcanti,



Hélio Oiticica: Omitido

Isabel Pons, Livio Abramo, Edite Behring. Entre os nomes internacionais, já que está Sérgio Camargo, pergunto por Almir Mavignier. Em vários setores, tendências e gerações, indesculpável a ausência de Jacinto Moraes, Pindaro Castelo Branco, Sílvio Pleticos (o mais importante pintor de Santa Catarina depois de Martinho de Haro), Gutierrez (o mais importante pintor gaúcho residente no Sul), Júlio Vieira, Georgete Melhem, José Maria (um dos grandes da Bahia) Renina Katz, Júlio Martins da Silva (o mais importante primitivo brasileiro descoberto nos últimos anos, tema inclusive de ampla reportagem na revista *Cultura*, do M.E.C.), Josael de Oliveira (a última revelação de pintor pernambucano), Ilsa Monteiro (artista gaúcha, prêmio do Salão da Eletrobrás e da pré-bienal, manejadora exímia dos acrílicos), Siron Franco (revelação de pintor goiano), Haroldo Barroso (representante importante da nova escultura nacional), Bernardo Caro, Joaquim Tenreiro, Eugênio Sigaud, Geza Heller, Mira Schendel.

Não aprofundo para não gastar todo o jornal nesta lista de comissões. Concordo que a denominação engloba um mundo, mas neste caso é oportuno reduzir a pretensão. A *Collectio*, nesta mostra, expõe alguma coisa da arte/hoje brasileira. Abusa das concessões e cai em rotundas omissões. Vale o esforço e a lição para um próximo passo.

WALMIR AYALA

JB